

TEXTOS PARA CONHECER *OS SERTÕES*

Walnice Nogueira Galvão (DTLLC)

“O homem não teria conseguido o possível, se repetidas vezes não tentasse o impossível.”

Max Weber

Foram exatos 70 anos segundo a Academia Brasileira de Letras, que publicou a lista da produção universitária sobre Euclides da Cunha ([http://www.euclidesdacunha.org.br/producaoacademica/teses/11 de agosto de 2003/](http://www.euclidesdacunha.org.br/producaoacademica/teses/11_de_agosto_de_2003/) Acessado em 18.6.2017). Esse é o tempo que decorreu antes que *Os sertões* (1902) fosse tratado por uma tese, em 1972 (Walnice Nogueira Galvão, **No calor da hora**. São Paulo, Ática, 1994, 3ª. ed.). Pesquisadores independentes corroboram a conclusão (Juan Carlos Pires de Andrade: [http://www.euclidesite.wordpress.com/teses / 1 de dezembro de 1998/](http://www.euclidesite.wordpress.com/teses/1_de_dezembro_de_1998/) Acessado em 18.6.2017). De lá para cá, o filão frutificou exponencialmente, e hoje podemos contar com uma rica contribuição da Universidade que se expressa em dezenas de títulos. A citada tese de livre-docência analisa o noticiário jornalístico sobre a Guerra de Canudos, mostrando como era tendencioso, sem escrúpulos e dado a falsificar fontes. As reportagens propriamente ditas estão estampadas em anexo.

Anteriores à era das teses, um punhado de trabalhos, menos extensos que um livro, servem como introdução à leitura de *Os sertões*. Entre eles, destaca-se aquele de autoria de Gilberto Freyre (**Perfil de Euclides e outros perfis**. São Paulo: Global, 2011), estudo interpretativo tanto da tradição crítica quanto da personalidade do escritor. O molde do estudo foi a mescla inimitável, e típica do autor, de história, antropologia, sociologia, psicologia individual e social, tudo isso aliado a uma sensibilidade

propriamente literária. Chama a atenção a ousadia dos saltos interpretativos com que considera conjuntamente o homem, a obra e o contexto.

Em artigo curto para jornal, Antonio Candido (Antonio Candido, “Euclides da Cunha sociólogo”, **Textos de intervenção**. Vinicius Dantas (Org.). São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2002, vol. II) enfatiza o fato de que, ao contrário do que se dizia, Canudos não representava desagregação e anarquia, mas sim o esforço de criar um novo pacto social que confrontasse o anterior, de opressão e exploração. Em outro texto, inclui *Os sertões* na lista dos 10 livros brasileiros mais importantes (Antonio Candido, “Dez livros para conhecer o Brasil”, *Teoria e Debate* no. 41. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 30.9.2000 e este **Guia Bibliográfico**).

Duglas Teixeira Monteiro opera um útil cotejo entre três insurreições brasileiras marcadas pela religião (Duglas Teixeira Monteiro, “Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado”, **História geral da civilização brasileira, III O Brasil Republicano, 2 Sociedades e Instituições (1889-1930)**. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1978). Maria Isaura Pereira de Queiroz, que se notabilizou em pesquisas sobre as oligarquias rurais, escreveu, entre outros, um texto sobre a plebe sertaneja que é a massa de manobra desses poderosos (Maria Isaura Pereira de Queiroz, “Jagunços”, em **O mandonismo local na vida política brasileira**. São Paulo: Alfa-Omega, 1976).

José Calasans, dentre os inúmeros trabalhos que dedicou ao tema, sempre em sua forma idiossincrática de delgados fascículos, cuidou de reunir os principais num volume recentemente reeditado (José Calasans, **Cartografia de Canudos**. Salvador: Assembleia Legislativa/Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, 2015). O historiador tornou-se o maior especialista na área, liderando uma guinada nos estudos por valer-se da história oral, da crônica dos vencidos, da história das mentalidades e da cultura material. Para complementar, inclui-se aqui em contrapartida uma análise propriamente literária, interna e imanente, de *Os sertões* (“Polifonia e paixão”, in Walnice Nogueira Galvão, **Euclidiana**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009).

Finalmente, a massa de documentação formada por ordens-do-dia do exército, relatórios de governo, epistolografia, memórias, biografias e autobiografias, noticiário jornalístico,

artigos de revista, romances e outras obras literárias, embasa a síntese crítica de *O Império do Belo Monte* (Walnice Nogueira Galvão, **O império do Belo Monte – Vida e morte de Canudos**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001). O livro avança a interpretação de que Canudos seria um episódio da modernização capitalista, quando a implantação da República levou de roldão modos de vida tradicionais, suscitando desassossego e sedições.

Afora esses, alguns clássicos que delimitam o campo estudado permitem uma visada de 360° sobre os eventos, conferindo-lhes um alcance global.

Engels (Friedrich Engels, **As guerras camponesas na Alemanha**. São Paulo: Martins Fontes, 1975) estuda rebeliões medievais, resultantes de motins que confrontavam condições desumanas de trabalho e de existência.

Max Weber postulou o desencantamento do mundo (Max Weber, **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo, Companhia das Letras, 2004), quando a racionalização da modernidade expulsa o encantamento do mundo, que é reencantado nos quadros de uma sublevação messiânico-milenarista.

Outro livro (Ernst Bloch, **O princípio esperança**. Rio de Janeiro, Contraponto/UERJ, 2005, 3 vols.) é um tratado de erudição em três volumes que foi buscar todo e qualquer surto milenarista desde os primórdios da humanidade. Sua consulta é facilitada por um índice minucioso, onde o consulente pode procurar aquilo que corresponde exatamente a suas necessidades.

Hobsbawm traz preciosa contribuição com seus estudos compreensivos sobre dissidências e levantes que não chegaram a se transformar em revoluções, e que chamou de pré-políticos (E. Hobsbawm, **Rebeldes primitivos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970. Id., *Bandidos*. São Paulo: Forense Universitária, 1976).

Mircea Eliade, que estuda religiões e mitologias (Mircea Eliade, **O mito do eterno retorno**. Lisboa: Edições 70, 2000, especialmente a 4ª. Parte, intitulada “O terror da História”), enfatiza a contradição entre duas concepções de tempo, o cíclico e aquele que irrompe em situações de mudança súbita, engendrando catástrofes, anomia e convulsões.

Os estudiosos devotaram-se a resgatar tais movimentos da pecha de serem reacionários, mostrando-os sob ângulos que expressam anseios de libertação e que, ao invés de serem regressivos, projetam-se no futuro. Identificaram, ao contrário do que se pensava anteriormente, o potencial transformador desses movimentos, que em seu ímpeto de insubmissão a um sistema iníquo e à tirania das autoridades trataram de criar novas formas de vida em comum. Assim, infere-se que o papel fulcral da religião gerava reticências nos pensadores laicos e interferia em suas análises, impelindo-os a condenar movimentos quase sempre religiosos e monarquistas.

Tais estudos contribuíram para colocar a Guerra de Canudos em contexto, tirando-lhe a reputação de acontecimento único e paroquial que muitos insistiam, e às vezes ainda insistem, em lhe conferir. E, ao contrário, mostram sua universalidade enquanto episódio entre tantos outros da modernização capitalista, quando esta chega a galope e destrói modos de vida tradicionais, condenando as vítimas ao desenraizamento, à marginalidade e à exclusão, quando não ao aniquilamento, como em Canudos.

São modalidades da utopia, esse poderoso impulso que faz os seres humanos desejarem o melhor, não importando se factível ou não; e, mesmo se por um curto lapso de tempo, conseguindo às vezes realizá-lo. Foi o que Euclides, ateu e republicano ardente, captou e soube transmitir com ênfase.